

# A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.686

Domingo, 25 de Maio de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-B

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 a 115

Dezenas de operários estão sofrendo no presídio da Trafaria o grande crime de serem vítimas dum crime praticado pelo sr. Ferreira do Amaral, com o consentimento do governo.

## CONTINUAMOS NA LEI DA MORDAÇA

O ministro do Interior não ordenou a censura—mas o Ferreira do Amaral, mais poderoso, exerce-a! O sr. Sá Cardoso não soube explicar cabalmente ao parlamento os actos do comissário da polícia—Acusam-nos de incitar ao crime. Mas o povo que nos lê bem sabe que enérgica e altivamente, vimos, ao contrário, combatendo o crime!—Neste momento de extrema gravidade para o povo e para o país «A Batalha»—que combate todos os desmandos com a máxima energia e a máxima correção—tem de falar livremente sem qualquer espécie de coacção.

O governo permitindo que um cabo de esquadra pergiga “A Batalha, coloca-se numa atmosfera de suspeição!

As perseguições que o comissário geral da polícia, instigado pela reaccionária *Época*, está movendo contra *A Batalha*, atingiram já o aspecto dum verdadeiro escândalo, que o ministro do Interior nem sequer sabe justificar.

O caso foi anteontem tratada no parlamento, desingando o deputado sr. Sá Pereira, acompanhado do sr. João Camões e Vitorino Godinho, que levantou a questão, na maneira altaiva como defendeu este jornal, afirmado que *A Batalha* não incita ao crime, mas se limita a combater todos os roubos e todos os desmandos.

Melhor do que nós, que poderemos ser considerados suspeitos, falam os extractos de jornais que nenhuma amizade nos tem:

Do *Correio da Manhã*, permitimo-nos transcrever o que ao assunto diz respeito:

Antes de encerrar a sessão o sr. Sá Pereira, protesta contra a censura à *Batalha*. Afirma que nunca viu que nesse jornal se incitasse ao crime.

Insurge-se também contra a detenção de alguns indivíduos, sob a suspeita de serem comunistas.

O jornal *A Batalha*, diz, é sistematicamente contra os ladrões do povo, e não um propagandista do crime. (Apoiados do sr. Camões e não apoiados dos restantes).

Crimes nunca aplaudiu nem aplaudirá, partindo elas de avanços ou dessa seita tenebrosa de moegeiros, pior do que os primeiros.

O sr. ministro do Interior declara que não deu ordem para fazer essa censura à *Batalha*, mas apenas ordenou a sua apreensão. Não deu essa ordem por escrito, e disso se penitencia, porque ela foi mal interpretada. Essa censura, afirma, foi mal feita mas, repetiu, não foi quem a mandou fazer.

Um tanto quanto atrapalhado, o sr. Sá Cardoso diz, perante o espanho da Câmara, ter pensado em dar uma explicação à *Batalha*, mas arrependeu-se, pois tal não lhe ficaria bem, dados ataques de que o governo tem sido alvo por parte desse jornal, que lhe tem chamado tudo, de ladrão para cima e para baixo...

O sr. Sá Pereira volta a falar, para declarar que o entristeceu esse facto, tanto mais por se tratar da *A Batalha*, orgão da classe operária, que ele, orador, tem sempre defendido. Mas protestaria igualmente se se tratasse dum jornal monárquico.

Escreveu também a *Imprensa Nova*:

Antes de encerrar a sessão, o sr. Sá Pereira protesta, energicamente, contra a censura feita ao jornal *A Batalha*, de antemão, tanto mais que não crê que estojam suspensas as garantias, em Lisboa. Igualmente se insurge contra a prisão de alguns indivíduos sob a suspeita de serem comunistas. Contra tal protesta, com veemência, pois, em seu entender o ser-se comunista não constitui um crime.

O sr. ministro do Interior, respondendo, em voz apagada, diz que não deu ordem para se censurar *A Batalha*. Apesar de manter a apreender esse jornal, pelos seus constantes incitamentos ao crime. Essa ordem não foi dada, por escrito, e disso se penitencia, dando como resultado que fosse mal interpretada, pois passou por quatro pessoas.

O sr. Sá Cardoso, prosseguindo perde a serenidade que lhe é peculiar, e diz que essa censura foi mal feita, mas, repete, não foi ele, ministro, que ordenou que tal se fizesse.

O sr. Sá Pereira, voltou a atacar essa violência. Declara que nunca viu nos números que tem lido, que *A Batalha* fizesse elogios a crimes ou incitamentos. Esse jornal é sistematicamente contra os ladrões e envenenadores do povo. Esta é que é a pura verdade, exclama com energia. Crimes nunca aplaudiu nem aplaudirá, partindo elas dos avançados ou dessa tenebrosa seita de moegeiros, mais criminosos que os primeiros. Volta a protestar contra a censura feita à *Batalha*, sendo calorosamente apoiado por alguns correligionários, destacando-se o sr. João Camões.

O sr. ministro do Interior, voltando a falar, diz ter pensado em dar uma explicação à direcção desse jornal, mas depois de pensar resolver tal não fazer, pois o governo tem sido alunhado na Batalha de ladrão para cima.

Por último o sr. Sá Pereira mantém o seu protesto, tanto mais por se tratar de um jornal que defende a classe operária.

Que depreende o leitor da atitude do sr. Sá Cardoso? Provavelmente o mesmo que nós depreendemos. O ministro do Interior está vivamente preocupado com a forma arbitrária como o sr. Ferreira do Amaral vem procedendo contra *A Batalha*. Intimamente condena, como toda a gente de bom senso, que no momento gravíssimo de escândalos e roubos que o país atravessa se imponha a circulação e se consurre o jornal que mais energeticamente ataca esses roubos, critica a desmoralização e apoia para as forças ainda não corrompidas no intuito de se moralizar e sanear o ambiente.

Intimamente o sr. Sá Cardoso comprehendeu que amordaçar a única imprensa em que a nação tem absoluta confiança—porque sabe que ela é incapaz duma de-

sonestidade—é colocar num plano moral duvidoso o governo e os homens que o constituem.

E tanto é verdade o que dizemos, e tam certo é o sr. Sá Cardoso discordar dos disparates do sr. Ferreira do Amaral, que só receando a especulação política que com o caso se poderia fazer, não deu ao redactor principal de *A Batalha* explicações que esclarecessem a sua atitude e não fez cessar talvez a perseguição injusta de que somos vítimas.

Fez muito mal o sr. Sá Cardoso em não ter tomado uma atitude que não o rebaixaria, antes o elevaria; fez muito mal em não obrigar o comissário geral da polícia a encerrar-se no limite das suas funções, impedindo-o de vêxar um jornal que representa a opinião duma legião de vítimas.

\* \* \*

Para prestígio do Estado republicano, para prestígio do ministro do Interior que está dando ao país o espetáculo indecoroso de sugestão a um simples comissário de polícia, *A Batalha* tem de circular ampla e livremente, sem restrições, sem obstáculos!

*A Batalha*, como muito bem disse no parlamento o deputado sr. Sá Pereira, não incita ao crime, não pretende a desordem. *A Batalha* luta, com uma energia e uma altivez, que só desagrada aos ladrões, e aos criminosos, contra o roubo e contra o crime!

Afirmou o ministro do Interior, no parlamento, que *A Batalha* aleunhava o governo de ladrão. E falso! Desafiamos aquela entidade a provar a sua afirmação. O que *A Batalha* disse é não deixar nunca de dizer, é que o governo não tem procedido contra os ladrões, dando assim uma lamentável impressão de cumplicidade. Ao governo compete atacar, com a mesma energia com que nós o fazemos, todos os desmandos, todas as immoralidades. Não procedendo com energia que poderá o povo pensar deles?

\* \* \*

*A Batalha*, hoje mais do que nunca, para bem do

país, precisa de ter livre, absolutamente livre a sua voz.

Há escândalos de tal gravidade, que não temos coragem de trazê-los a público enquanto impender sobre nós a ameaça brutal duma suspensão ou duma censura prévia e iniqua.

«*A Batalha*» quer, em nome dos interesses da colectividade, fazer revelações formidáveis e só o fará no dia em que não estiver coacta, no dia em que o sr. Ferreira do Amaral, com a sua pata caserneira, deixar de exercer funções de censor!

As questões graves que «*A Batalha*» precisa urgentemente revelar ao país, se não forem tornadas públicas com brevidade podem trazer dissabores e prejuízos irremediáveis.

Se o próprio governo, conserva algum espirito de liberdade e um pouco de interesse pela república, que periga neste momento, retire imediatamente ao sr. Ferreira do Amaral — reaccionário que tem por órgão oficioso «*A Época*»—a faculdade de nos apreender ou censurar porque, em nome do povo e em nome do país, queremos fazer revelações graves e sensacionais.

O governo, que nem mesmo razões legais tem para nos perseguir (não usamos a linguagem desejada que o *Mundo* usou no tempo da monarquia, nem precisamos de dirigir ataques ao chefe do Estado) se está no poder para manter as poucas liberdades conquistadas em 5 de Outubro, deve imediatamente cortar as garras ao comissário geral da polícia e permitir que *A Batalha* fale porque é absolutamente necessário que ela fale neste momento!

Vejamos, pois, qual dos caminhos o governo quer seguir: se o que conduz à defesa dos interesses da nação, ou o que leva à submissão aviltante às quixotadas dum homem perigoso para o país e para as instituições vigentes, que o mesmo governo, e não nós, tem o dever de salvaguardar.

## NO ALTO DE SANTA CATARINA

## A VENDA DOS NAVIOS OS OPERÁRIOS CORTICEIROS

Um grupo de alemães e holandeses, servido por alguns "patriotas" prepara-se para roubar o país e arremessar as classes marítimas para a fome ---

É preciso que o ministro do comércio tome uma atitude enérgica

Há dias as classes marítimas nomearam uma Comissão de Defesa da Marinha Mercante que se avistou ontem com o sr. ministro do Comércio com quem conferenciam sobre a venda dos navios dos T. M. E. a entidades estrangeiras servidas para esse fim por portugueses pouco escrupulosos.

A impressão colhida foi regular dizendo-lhe aquele senhor que lhe fizera uma exposição dos casos que conheciam e que poderia providenciar árcares dos mesmos e evitá-los que se pudessem pôr em prática a grande negociação que já começou com a compra do vapor "Pórtico".

O ministro do Comércio, quando os jornais começaram levantando o véu da questão da ordem à Comissão Liquidatária dos T. M. E. para averiguar da idoneidade das entidades compradoras dos navios no primeiro leilão,

Toda a gente conhece as casas que compraram os vapores "Lagos", "Pungue" e "São Jorge" e sabe que os seus negócios se prendem com as coisas maiores mas da que comprou o "Pórtico" mesmo o sr. Ortigão Peres é capaz de dar uma informação concreta.

Este homem que tem sido a alma negra das classes marítimas de entendimento com Brito do Rio, não se fazendo nada dentro seu autoriza apezar de nunca ter visto navios nem perceber nada daquilo, mas também o sr. Alberto Cartaxo tem uma cota parte nessa coisa.

Só há poucos dias é que foi concedido aos tripulantes dos navios dos T. M. E. o aumento de salário que tinha sido dado pelos armadores particulares desde Dezembro passado e o culpado disto foi Ortigão Peres que a-pesar do ministro pretender atender as reclamações feitas varias vezes nesse sentido ia sempre opondo a sua recusa sistemática à satisfação daquela justiça. E ainda agora com a venda dos navios trata de andar a toda a pressa para não dar tempo a ninguém ter conhecimento da tramoia e quando se pretender agir de forma a evitar o seu desaparecimento já seja tarde.

O ministro tem o dever de obstar de qualquer forma a que se pratique a infâmia de pôr algumas milhares de pessoas a pedir esmolas, sob pena de nos considerarmos cúmplices num negócio tão trágico como este, se anuncia mas de trágicos efeitos.

Sou a hora dos marítimos darem mais uma vez o exemplo da sua solidariedade e da sua vontade em não se quererem deixar despojar dos seus navios, opondo-se por qualquer forma a que elas saiam a barra para ficarem em Montemor-o-Novo.

As classes marítimas não devem permitir que se cometa esta monstruosidade e devem preparar-se para arredar este perigo, pelo qual se pretende despojar as maquinismos onde angariam os seus meios de vida.

Esta semana vai aquecer, e se a Comissão de Defesa não conseguir que o ministro ponha qualquer entrave a que

os navios sejam desfeitos ou vão parar no estrangeiro ou sejam desfeitos mesmo em Portugal.

Para evitar que usem da falcatrua de deixar ficar no estrangeiro por dividas, pode o Ministro exigir dos adquirentes um termo de responsabilidades equivalentes ao seu valor, mas que depois não fique só no papel. A Sociedade de Fomento Comercial Ltda. comprou o vapor "Pórtico" para desfazer e vai comprar mais para o mesmo fim, se lhe permitirem.

Se esta casa não os comprar, compre o sr. Guerreiro que é testa de ferro de um grupo germano holandês, e que não está em Lisboa com outro fim senão de reduzir os navios a sucata.

Com todos estes belos elementos à pena, com certeza que haverá dificil algum deles ficar em Portugal.

Resta ver se o ministro do Comércio trata do caso com carinho, se é caso que ele ainda não sabia, e, talvez com uma certa minuciosidade do que se determina de reduzir os navios a sucata.

Os industriais, se sabem quanto custa a vida, devem reconhecer que tal miserável oferenda nada representa para fazer face à carestia dos todos os gêneros de primeira necessidade e proporcionando imediatamente na sua primitiva deliberação, vexatória para tantos milhares de operários, veem com isso desafiar a miséria dos que se lançaram a luta e que até esta parte se tem conservado numa atitude ordeira e com uma correção ilimitada.

Não supunhamos que os industriais, ou parte deles, tivessem a pretensão de irritar uma numerosa classe, continuando a oferecer os mesmos 10%, que ofereceram de princípio. Mais uma vez, no seu último ofício, mantém os 10%!

E' inconcebível que alguns industriais na sua teimosia julguem que tal oferecimento em alguma coisa beneficie os operários corticeiros. Essa resolução é uma provocação à miséria de milhares de trabalhadores que foram impelidos a vir para a luta porque os salários que auferiam não lhes chegavam para viver.

Os industriais, se sabem quanto custa a vida, devem reconhecer que tal miserável oferenda nada representa para fazer face à carestia dos todos os gêneros de primeira necessidade e proporcionando uns 10%, que foi uma afrola lançada às faces de milhares de estagiários. Com uma persistência que irrita, mantiveram essa oferenda até hoje sem contemplação alguma por quem lhes produz as riguezas. E dois jornais valem a afirmar que os industriais ofereceram 20 e 25 por cento, o que não é verdade.

E' inconcebível que os industriais fazem, decretos, os operários pela fome. Mas estes estão dispostos a todos os sacrifícios, a lutar por mais aumento de salário.

Considerando que no movimento estão envolvidos para cima de 12 mil grevistas, que representam mais de 50 mil bocas, não contando com as classes diferentes da indústria;

Considerando que certos industriais estão desempenhando um papel criminoso, indo, ao ponto de quererem vender a classe pela fome quando esta provado que podiam e podem satisfazer as reclamações;

Considerando que o nosso movimento é genuinamente operário;

Considerando, finalmente, que a organização corticeira está moralmente desonrada e que não tem condições de poder reclamar da respeitante organização operária em geral, o qual é moral e material;

O Conselho Federal da F. C. N. resolve:

1.º—Manter alguma atitude até que o industrialismo corticeiro do país dê uma satisfação à família corticeira ora em greve;

2.º—Se o movimento se arrastar até 31 de corrente, reclamar de toda a organização operária auxílio material, e que esta tome conta das crianças dos grevistas que os não possam manter;

3.º—Responsabilizar os industriais corticeiros dos prejuízos morais e materiais que possam resultar do seu capitalismo;

4.º—Aconselhar a classe a manter-se na luta através de todos os sacrifícios, não retomando o trabalho sem que esta Federação o determine;

5.º—Considerar traidores ao movimento todos os corticeiros que, ao seu conhecimento desta resolução, retomem o trabalho sem que esta Federação o indique;

6.º—Instituir com as classes de transportes a fim de que estas continuem a proteger-nos a bela solidariedade que até aqui nos tem prestado e que são bons resultados tem produzido.

### Aldeagale

Mantém-se como nos primeiros dias a greve dos operários corticeiros nesta localidade, sendo nas reuniões efectuadas verificado o procedimento dos industriais que persistem na oferenda dos 10%, deliberando-se uma vez mais continuar

**HOJE**

Ultima representação da peça de BRIEUX

**I SIMONE**

AMANHÃ - Ultima récita de assinatura com a 1.ª representação do original do escritor francês Bourdet, L'HEURE DU BERGER, traduzida por Vitorino Braga, com o título

**HOJE****HORA DE AMOR****O Comissário da Polícia**comparado com um general de opereta...  
A falta de alemães "avinha" contra os operários

O sr. Ferreira do Amaral faz recorde, com os seus actos o famoso general Boum, da gran-duquesa Gerolstein. Este famoso general, como é sabido, em vez de tomar rapé disparava para o ar, a sua pistola de dois canos, para depois aspirar, com delícia, pelas suas duas marciais ventas, o cheiro da pólvora. O mesmo Boum sofria da obsessão de querer que o "inimigo" lhe apagasse a cada canto, para mostrar os seus prodigiosos dons militares. Bem sabia o bom Boum que o inimigo só existe em tempo de guerra e o grande-ducado de Gerolstein estava em paz com os seus vizinhos. Mas, não podia respirar outra atmosfera que não fosse de guerra e, assim, imaginava que o tempo de paz, lhe podia dar o inimigo existente quando há guerra.

E assim o sr. Ferreira do Amaral, que bem sabe que a guerra acabou, que não está na Flandres mas no governo civil e a dois passos do Chiado, que não há alturas de Ludendorff, mas sim um outro alemão trabalhando, sedegamente, para ganhar a vida. Não importa para o marvólico general que não esteja na Flandres nem em guerra.

Inventou uma guerra à sua maneira e como não tem soldados alemães contenta-se com operários portugueses.

E uma brincadeira perigosa está de transformar o país em gran-ducado de Gerolstein — perigosa para a liberdade dos operários, perigosa para o estado de irritação que as suas medidas provocam. O sr. Ferreira do Amaral conseguiu ser tudo quanto quere. Deliberou ser general Boum e general Boum, tão ridículo como o da opereta comica. Mas, o da opereta só por música desempenhava as suas funções. E não se pode pedir que os gestos do sr. Ferreira do Amaral sejam acompanhados musicalmente por um jazz-band. Menos ainda se pode exigir que ele apareça, a cantar, no palco dum teatro.

*Eu sou o Ferreira do Amaral, oláriote por entre o riso e as chafus duma plateia vencida por uma tão grotesca caricatura da autoridade.*

\*\*\*

O sr. Ferreira do Amaral junta ao grotesco, o odioso. Dezenas de famílias estão a estas horas, passando misérias, privadas do conforto e do amparo dos que estão entre as grades do presídio da Tráfarra. Dezenas de operários, estão sendo vítimas das mais atrocias perseguições. Nenhuns tem culpa formada, nem cometeu qualquer delito que possa justificar a sua prisão.

Foram presos por terem estado presentes em S. Julião da Barra, São vitimas dum arbitrariedade por terem sido o anjo transato victimas dum arbitrariedade. Operário que tenha sido privado da sua liberdade, apesar de não ter infringido nenhuma das disposições legais, tem, como compensação ser detido injustamente, e por prazo de tempo indeterminado, sempre que um ridículo ou um odioso, tem haver funções na polícia ou no governo.

Os operários presos são acusados de ter sido presos ou ana passado injustificadamente. Estão sofrendo por, em vez

de queixa no firme propósito de não retomar o trabalho sem que a Federação o resolva, repudiando mais uma vez a ciência dos 10% por não poder com tal percentagem fazer face ao constante aumento do custo da vida.

Belém

Mantêm-se com a mesma firmeza dos primeiros dias a greve dos operários corticeiros desta área, estando dispositos a lutar até que a vitória desse grande movimento seja um facto.

Evora

EVORA, 23. — Reuniu a classe corticeira para apreciar o estado do seu movimento, verificando-se a resistência do primeiro dia, pois que não havia reacção alguma a registar.

Seixal

Tendo reunido a classe corticeira para apreciar a resposta dos industriais, foi comunicado pelo delegado que tiveram conhecimento que estes mantêm a proposta de 6 de Maio, o que foi energeticamente repelido, entre grandes acusações e vivas à greve. Federação Corticeira, Marítima, C. G. T., a Batalha, e toda a organização operária.

Silves

SILVES, 23. — Com o entusiasmo do primeiro dia, continua a greve da classe corticeira desta localidade. A classe, que se tem mantido ordeira, terá que, pela fome, entrar num período mais agitado, pois os seus exploradores se riem da sua pacata.

Continua a registrar-se a solidariedade dos camaradas fragateiros, estivadores e chaus eurs marítimos de Portimão.

Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 24. — Reúniram os operários corticeiros, expondo o delegado direto ao conselho federal os trabalhos ali tratados sobre a marcha do movimento, sendo a assembleia unânime em condenar asperamente a mesquinha e irritante atitude dos industriais.

NOTA DA COMISSÃO DE DEMARCHE

Camaradas: mais uma vez os industriais responderam à nossa Federação que manteve a oferta de 10 por cento. O Conselho Federal também mais uma vez repudiou tam iniqua oferta, por quanto não vem atenuar em nada a miséria que a classe vem atravessando em virtude da tremenda carestia da vida.

Camaradas: esta comissão foi incumbida de desempenhar-se de uma missão,

## Conferência Inter-Sindical

dos marítimos de Lisboa e Arredores

de terem praticado um crime, serem vítimas dum crime.

Nestas perseguições absurdas, de todos os lados se aponta fatidicamente, como autor, como responsável: o sr. Ferreira do Amaral.

Diz-se que o sr. Ferreira do Amaral se impõe ao governo, se impõe ao governador civil, se impõe ao director da Policia de Segurança do Estado. Se assim é, porque extrama magia este homem é astima de todos os poderes e de todas as leis? Então os que temem funções de autoridades superiores às dele, são escravos da sua vontade omnipotente. Então o governo, o país, o regime, a população, podem estar amarrados de pés e mãos, ao capricho odioso e despótico dum homem que dá todos os dias entrevistas à "Epoca" dum reacionário, dum fascista?

Este sidonismo que tem por presidente o sr. Ferreira do Amaral, incômodo, irrita, enoja e revoltá.

Donde vem a estranha força deste Pina Manique carnavalesco?

*A Comissão Organizadora.*

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

TEATROS & CINEMAS

## Hora de amor

Ontem uma comissão desse Secretariado, no seu país em gran-ducado de Gerolstein — perigosa para a liberdade dos operários, perigosa para o estado de irritação que as suas medidas provocam. O sr. Ferreira do Amaral conseguiu ser tudo quanto quere. Deliberou ser general Boum e general Boum, tão ridículo como o da opereta comica.

Mas, o da opereta só por música desempenhava as suas funções. E não se pode pedir que os gestos do sr. Ferreira do Amaral sejam acompanhados musicalmente por um jazz-band. Menos ainda se pode exigir que ele apareça, a cantar, no palco dum teatro.

*Eu sou o Ferreira do Amaral, oláriote por entre o risco e as chafus duma plateia vencida por uma tão grotesca caricatura da autoridade.*

NOTÍCIAS

AMANHÃ, em espectáculo da moda, realiza-se no Coliseu a estreia da ópera portuguesa, do maestro Luís Filgueiras, "A Lenda do Coração".

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stichini.

ESTRADA, em última récita de assinatura, a 6.ª vez, original do escritor francês Bourdet, "L'heure du Berger", traduzida por Vitorino Braga, com o título "Travessia", interpreta a protagonista, Ilda Stich

Quando o silvo estridente da locomotiva nos anuncia Marinha Grande, e a gibril entoação metálica do rodado das carruagens enudece, vive-se um momento de ansiedade, ante a presunção do pesado materialismo daquela vila, no turbilhão do seu movimento industrial, e a fragância que a escenografia nos embeve quando a pinta.

O olhar acaricia a longa casaria guarnecida de altas cheminés, que se perdem ao longo da via férrea. E logo a intuição nos previne que principiaria, sob aquelas telhas de Marselha, o labor intenso da vidraça e do cristal, que teve neste país, como precursor o inglês Stephens.

Toda a emotividade que as grandes criações da Natureza nos provoca encontra nesta rápida observação uma gélida extasi, dardegando o pensamento em mil e uma conjecturas.

Tudo quanto de brutal e pesado se vive é amenizado pela exuberância da Natureza que dá à vila de Marinha Grande um aspecto garrido e pitoresco.

A estrada para a Nazaré que abre com suas lindas acácias e se perde longe, encerra uma tonalidade suave, uma harmonia encantadora que o alentejante das aves torna melodiosa.

E' porém, garantida por florestas magestosas e duma campina que empolga.

A natureza ali é tanta prodigiosa em harmonia, o seu colorido é de tal forma exuberante que o conjunto é prenhe de inteligência e sentimento.

Com as condições industriais que adianta vão descrições que absorvem a maioria da população trabalhadora: nhamos a impressão íntima que o carácter dos marinhenses fosse boçal, que o seu temperamento fosse grosseiro e que tódas as manifestações psicológicas descendessem incivilização, ausência de educação social, insociabilidade.

Esta suposição era filha do conceito próprio que temos, que, a brutalidade do trabalho inciviliza os povos, furtando-lhe o poder de entendimento e harmonia.

Quando as suas feições fisionómicas me demonstraram o contrário, nos primeiros encontros que tivemos com algumas das vidreiras marinhetas logo a nossa observação se aguçou em busca dumha explicação.

Os naturais de Marinha Grande, que formam a quase totalidade dos habitantes daquela vila são providos dum encantadora honestidade e sobriedade, empregando a todos os seus actos ou ações uma simplicidade que é agradável de ver.

A intriga que fervilha nos centros cosmopolitas não encontra ali meio ambiente, não desembulta com a sem censura observada noutras logares.

Temos vivido em logarejos pequenos onde a desarmonia é peculiar e frequente.

Marinha Grande dum modo geral é bonancosa e os seus naturais tem um culto especial pelo respeito mútuo, o respeito volitivo que dimana da competência dos deveres e direitos morais.

Apenas a "porca" política com as suas rabulices é que consegue ainda fazer das suas. Mas é tam insignificante...

**As tradições do povo e o seu espírito libertário**

A tradição daquele povo é liberal. Até a data, por absoluta incompreensão das ideias modernas o espírito democrático tem ali predominado, espírito animado pela condição inata do próprio povo.

Quando amanhã as ideias de renovação social se radicarem no espírito daquele povo...

Marinha Grande é fértil, para a sua capacidade geométrica em floricultura, trepando os muros, em soberbas centenas, brotando quase plantas selvagens, espalhando com desdenhoso pelas transversais...

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a Nazaré

Marinha Grande é rica, para a sua...

Estrada para a

25-5-1924

Os Mistérios do Povo

N.º 156

replicou Marion interrompendo o governador. Iraga-me um boi que eu o lavarei às costas ou o matarei com um muro; mas homens quadrados não fazem o chefe de um grande povo... Não, não...; sou robusto, é verdade, mas o fardo é muito pesado... Portanto, Vitória, não me sobrecregue com um tal peso, porque eu enfraqueceria debaixo dele... e a Gália enfraqueceria também à vista do meu desfalcamento... E daí, finalmente, é preciso dizer tudo, eu gosto, depois do serviço acabado, de entrar em casa para beber um cangrião de cerveja em companhia do meu amigo Eustachio, conversando sobre a nossa antiga profissão de ferreiro ou divertindo-nos em polir as armas como se fossemos peritos armeiros... Assim é que eu sou, Vitória, assim fui sempre... assim quero ficar.

—E são isto homens! ó Jesus!... exclamou a mãe dos acampamentos com indignação. Eu, mulher... mãe... vi morrer esta noite meu filho e meu neto... tive o ânimo de conter a minha dor... e este soldado a quem se oferece o posto mais glorioso que pode ilustrar um homem, atreve-se a responder com uma recusa, pretextando o seu gosto pela cerveja e pela limpeza das armas! Ah! desgraçada Gália! se aqueles que ela considera os seus mais valorosos filhos a abandonam tam cobardemente!

As censuras da mãe dos acampamentos impressionaram o capitão Marion, que abaixou a cabeça confusamente guardando silêncio durante alguns instantes; depois replicou:

—Vitória, aqui não vejo senão uma alma forte; é a sua... Eu envergonho-me Vitória... Vamos acrescentou ele com um suspiro, vamos... já que assim o quer... aceito... Mas os deuses são testemunhas... que aceito por dever; se fizer asneiras na qualidade de chefe da Gália, não me censurem... Aceito, pois, Vitória, com duas condições, sem as quais nada se fará.

—Quais são essas condições? perguntou Tétrik.

—Esta é a primeira, replicou Marion: a mãe dos

acampamentos continuará a ficar em Mayença e auxiliar-me há com os seus conselhos... Eu sou tam novo na profissão que vou encetar, como um aprendiz de ferreiro metendo pela primeira vez o ferro na forja... receio queimar os dedos...

—Ja lhe prometi isso mesmo, Marion: a mãe dos acampamentos continuará a ficar em Mayença e auxiliar-me há com os seus conselhos... Eu sou tam novo na profissão que vou encetar, como um aprendiz de ferreiro metendo pela primeira vez o ferro na forja... receio queimar os dedos...

—Já lhe prometi isso mesmo, Marion, replicou a minha colação; ficarei aqui enquanto a minha presença e os meus conselhos lhe forem necessários.

—Vitória, se o seu espírito me abandonasse, eu seria um corpo sem alma... Agradeço-lhe, pois do fundo do meu coração. A promessa que me faz deve custar-lhe muito; pobre mulher!... Entretanto, acrescentou o capitão com a sua bondade habitual, não me julgo loucamente glorioso para que possa imaginar que é a este toiro de guerra, chamado Marion, que a grande Vitória faz o sacrifício de esquecer os seus pezinhos a fim de o guiar na sua nova profissão... Não...; é a nossa velha Gália que Vitória se sacrifica; e, como bom filho, sou tam reconhecido do bem que se deseja à minha velha mãe como se se tratasse de mim mesmo...

—Nobravemente dito, nobravemente pensado, Marion, replicou Vitória, sensível a estas palavras do capitão; mas a sua intelecto e o seu bom senso farão com que passe sem os meus conselhos, e então, acrescentou ela com uma pronúncia de dor profunda e reservada, eu poderei como Tétrik, ir sepultar-me em alguma solidão acompanhada dos meus pezinhos...

—Ai de mim! replicou o governador, chorar em paz é a única consolação das perdas irreparáveis... Mas, acrescentou ele dirigindo-se a Marion, o capitão tinha falado de duas condições; Vitória aceita a primeira, qual é a segunda?

—Oh! a segunda..., e o capitão abanou a cabeça; a segunda é para mim tam importante como a primeira.

—Finalmente, qual é ela? perguntou a minha colação. Explique-se, Marion.

—Não sei, replicou o bom capitão com ar sincero e embarrado, não sei se já lhe falei do meu amigo Eustachio?

—Sim, e mais de uma vez, respondeu Tétrik. Mas que tem de comum o seu amigo Eustachio com as novas funções que vai exercer?

—Como! exclamou Marion, pregunta-me o que tem de comum comigo o meu amigo Eustachio... pregunto então o que tem de comum os copos da espadinha com a folha da mesma, o martelo com o cabo e o fole com a forja...

—Quer dizer que estão ligados um ao outro por uma antiga e estreita amizade; bem o sabemos, replicou Vitória. Deseja o capitão conceder alguma graca ao seu amigo?

—Jámais consentirei em me separar dele; não é alegre e muitas vezes é rabujento; mas estima-me tanto quanto eu o estimo, e nós não podemos passar um sem o outro... Ora, admirar-se hão talvez que o chefe da Gália tenha por seu amigo íntimo e por comensal um soldado, um antigo operário ferreiro... Mas já lhe disse, Vitória, que se tör mister separar-me do meu amigo Eustachio, nada se fará... recuso... Só a amizade dele me pode tornar o fardo suportável.

—Scanvoch, meu colação, ficou simples cavaleiro do exército, e por ventura não é ele meu amigo? disse Vitória. Ningém se admira de uma amizade que nos honra a ambos. O mesmo sucederá, capitão Marion, com a amizade que consagrará ao seu antigo companheiro de forja.

—E o seu posto, capitão Marion, duplicará a mútua afeição entre ambos, disse Tétrik; porque com tam estreita amizade, Eustachio gosará talvez mais da sua elevação do que o senhor mesmo.

—Não creio que o meu amigo Eustachio se regoje muito com a minha elevação, replicou Marion; Eustachio não é glorioso; considera-me o seu antigo camarada de bigorna, e não o capitão; pouco se importará com a minha nova dignidade... Unicamente, Vitória, recorde-se sempre disto: Do mesmo modo que hoje me diz: «Marion, preciso do senhor...», peço-lhe também que nunca se constranja para me dizer: «Marion, vá-se embora porque não o acho bom para coisa alguma; um outro preencherá melhor o seu lugar...» Compreenderá logo, e muito alegremente voltarei de braço dado, com o meu amigo Eustachio, ao nosso cangrião de cerveja e às nossas armaduras; mas em quanto me disser: «Marion, preciso do senhor, ficarei chefe da Gália, e nisto abafado um último suspiro, visto que sou chefe...

—chefe ficará por muito tempo para glória da Gália, replicou Tétrik. Acredite-me, capitão, a sua modestia cega-o; mas esta manhã quando Vitória o propôs aos soldados como chefe e general, as aclamações de todo o exército lhe farão saber os seus merecimentos.

—E quem mais se há de admirar dos meus merecimentos hei de ser eu, replicou sinceramente o bom capitão. Finalmente, prometi, está prometido... come comigo, Vitória, já lhe dei a minha palavra. Retire-me..., vou esperar o meu amigo Eustachio...; é manhã clara, ele não tardará em recoller dos postos avançados, onde está de guarda desde ontem a tarde e ficaria com cuidado se não me encontrasse.

—Não se esqueça, capitão, disse-lhe eu, de preguntar ao seu amigo o nome do soldado que ele escolheu para me acompanhar.

—Cuidarei nisso, Scanvoch.

—E agora, adeus..., disse com voz abafada o governador a Vitória, adeus... O sol não tarda a nascer... Cada instante que passo neste lugar é para mim um suplício...

—Não se demora em Mayença ao menos até que as cinzas de meus dois filhos sejam lançadas à terra;

## DAVID C. COSTA

Ouvives joalheiro

Nesta casa se encontra um completo sortido de artigos de ourivesaria e joalheria pelos preços mais económicos.

Aos amigos de "A BATALHA" se lhe concede um "bonus" especial, bastando que depois da compra realizada apresentem o jornal, sendo maior o "bonus" para aqueles que provem ser assinantes.

Há sempre artigos de ouro que se vendem a peso

RUA DA PALMA, 18

### IMPORTANTE

### SEGUROS MARITIMOS

«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.

Dirigir-se à



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital integralmente realizado, Esc. 600.000\$00 — Reservas, Esc. 749.031\$60,9

SEDE EM LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 3894

DELEGAÇÃO NO PORTO

R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Telefone C. 4356

## MÁRIO RIBEIRO FIRMO

MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Tubos de grés e de barro, cimentos, ladrilhos, azulejos e artigos sanitários

Escrítorio e Estâncias

Travessa Moinho Vento, F (à Lapa)

Depósitos

Rua Santana, 121 (à Lapa)

### Tudo mais barato

#### Joalharia, ourivesaria e relojoaria

MIGUEL & J. A. FRAGA

26, RUA DA PALMA, 28

Grande sortimento de moogramas para carteiras

Executam-se todos os fac-similes

Temos sempre objectos em 2.ª mão que vendemos baratinhos

Não comprem sem visitar esta casa

### Tudo mais barato

#### MOVEIS

Preços resumidos

4-Mobilias-4

5:960\$000

Quarto de cama para casal, Casa de jantar e sala de visitas forrada em veludo, tudo com espelhos biscaites,

3-Mobilias-3

18:000\$00

Quarto de cama para casal, Casa de jantar, e sala de visitas forrada em veludo, tudo com espelhos biscaites,

1:780\$00

Casa de jantar, 10 peças;

2:380\$00

Quarto de cama para casal.

Grande stock e variedade em mobília e móveis desarranados.

Agradece a quem tiver a ambição de vir visitar este novo establecimento, que mais barato vende

Armando Santos

Rua das Gáveas, 29 a 33

(Ao Camões)

#### OURO

mais barato e só pelo peso

Não se paga feito

Cordões, Cadeias, Brincos, Travessões, Alianças para gravata e

mais artigos que se vendem pelo peso

Vende só a OURIVESARIA do BARATEIRO PIMENTA

Rua da Palma, 2

### Ourivesaria e joalharia

#### Colarinha, L.º

Travessa de São Domingos, 27

Telefone 3349 NORTE

### FOGÕES

#### Ourivesaria e joalharia

Compra e venda de ouro,

joias, prata e relógios,

em 2.ª mão e nas

melhores condições

### 31

E' o número da portaria da Nova Ourivesaria de Peixoto, Maia & Pinheiro, Lda, rua

de São Paulo, (junto ao arco), Ouro, prata,

joias, moedas de ouro e dentaduras velhas.

Não vendam sem consultar os nossos

preços. Vendemos por preços limitadíssimos em novo e 2.ª mão, joias,

objectos de ouro e prata. Sucursais,

rua de São Paulo, 114.

Telefone 1322 C.

Condicções da Emissão

A subscrição será aberta de 15 a 30 de Maio corrente.

O preço de cada acção é de Esc. 102\$00.

1.º no acto da subscrição de 15 a 30 de Maio esc. — Esc. 34\$00

2.º de 16 a 30 de Junho p. f. . . . . " — Esc. 34\$00

3.º de 15 a 30 de Julho p. f. . . . . " — Esc. 34\$00

sendo permitido integralizar-lo no acto da subscrição, abonando-se a antecipação á taxa do Banco de Portugal.

A demora no pagamento fica sujeita ao disposto no art. 4.º § 4.º dos Estatutos. Estas acções farão direito a 50%, do dividendo que for atribuído no exercício de 1924 a cada acção actualmente em circulação, ficando depois equiparadas em tudo ás já existentes. Cada acionista terá direito a subscrever uma acção por duas das que actualmente possue. Não ha direito a fraccões.

No acto da subscrição deverá o Sr. Acionista apresentar as suas acções na Séde da Companhia ou na casa José Augusto Dias F. & C.º, Praça Almeida Garrett, 23, Porto, devidamente relacionadas em impresso fornecido por esta Companhia, fazendo-se a liquidação da 1.ª prestação no dia imediato contra a entrega de 1 título provisório. As acções recebem-se todos os dias úteis das 10 ás 12 horas e o serviço de Caixa realiza-se